JORNAL

Centro de Estudos LUIS GUEDES

Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Hospital de Clínicas de Porto Alegre
Março de 2022
Ano 33 • Nº 89

DIÁLOGOS URGENTES
PSICOTERAPIA ON LINE
PÁGS 6 A 8

SÉRIE
ROUND 6 E AS PSEUDO-REALIDADES
PÁGS 12 E 13

FILME
O REFÚGIO (THE NEST): DRAMA OU TERROR?
PÁG 14

LIVRO
TUDO É RIO
PÁG 15

JORNADA CELG 2022

RESILIÊNCIA: DESENCONTROS E REENCONTROS

04 a 06 de agosto
Wish Serrano | Gramado RS

JORNAL DO CENTRO DE ESTUDOS LUIS GUEDES
Rua Ramiro Barcelos, 2350 – 2º andar - Sala 2218.
CEP: 90035-903. Porto Alegre - RS.
Telefones: 51 3359.8416 / 51 99997.9085.
Site: www.celg.org.br.

DIRETORIA
Presidente Neusa Sica da Rocha
Diretor Financeiro Juliana Mastella Sartori
Diretor Administrativo Félix Henrique Paim Kessler
Diretores Científicos
Lucas Primo de Carvalho Alves e Paola Paganella Laporte
Diretores de Divulgação e Relações com a Comunidade
Thyago Antonelli Salgado, Bruna de Conti Gramz e Daniel Prates Baldez
Diretora de Publicações Ana Margareth Siqueira Bassols
Diretor de Ensino
Felipe Gutiérrez Carvalho e Igor Dias de Oliveira Alcântara
Diretores de Normas e Regulamentos
Lisieux Elaine de Borba Telles e Vivian Peres Day
Diretor de Tecnologias
Alexandre Annes Henriques e Marcos da Silveira Cima
Diretor de Relações com a Comunidade e Cultura
Gustavo Bolognesi
Diretores de Assistência Clínica
Diego Barreto Rebouças e Lucas Patusco
Diretores de Sócios
Allan Maia Andrade de Souza e Paula Blaya Rocha

ADMINISTRAÇÃO
Supervisora Administrativa: Patricia Lopes Azambuja (plazambuja@hcpa.edu.br)
Bibliotecária e Secretária da Revista: Maria Luiza Farias de Campos (mcampos@hcpa.edu.br | rbpsicoterapia@gmail.com)
Assistente Administrativa (Cursos): Mylena Abreu Gonçalves (mygoncalves@hcpa.edu.br) .

JORNAL - jornal@celg.org.br
Editores do Jornal: Marcelo Vaz, Júlia Domingues Goi e Rodrigo Chazan
Revisão: Gustavo Czekster
Jornalista Responsável: Vera Nunes (MTb 6198)
Diagramação e projeto gráfico: Design de Maria (www.designdemaria.com.br)

DESENCONTROS E **REENCONTROS**

É com muita satisfação que estamos iniciando os preparativos da nossa tradicional JORNADA CELG. Na sua 31ª edição, depois de dois anos atípicos enfrentando os desafios impostos pela pandemia de Covid-19, nosso evento está sendo organizado para acontecer no formato presencial, obedecendo todos os protocolos de segurança que ainda possam existir na data de sua realização. A Comissão Científica está trabalhando intensamente para que tenhamos uma jornada do mais alto nível, que abordará, além do assunto principal – Resiliência: desencontros e reencontros, outros temas relacionados aos últimos avanços sobre avaliação, prevenção e tratamento dos transtornos mentais, ampliando a perspectiva para a busca do bem-estar.

Inúmeros pesquisadores e palestrantes de renome nacional e internacional irão explorar e debater a complexidade do comportamento humano, com ênfase em psicofarmacologia, psicoterapias, neurociência e uso de novas tecnologias. A grade científica terá cursos, mesas redondas, palestras, sessão pôster, intervalos culturais e eventos paralelos em parceria com grandes instituições que já nos acompanham.

Venha compartilhar conosco as suas experiências, conhecer colegas e conviver com amigos em um dos melhores hotéis de montanha do país (Wish Serrano), em Gramado, entre 04 e 06 de agosto de 2022. Preparamos um ambiente acolhedor para que todos vivenciem também momentos de harmonia e lazer.

Com o nosso habitual carinho e dedicação, esperamos todos vocês!

Profa. Neusa Rocha

SUMÁRIO

Jornada 2 e 3
Palavra da presidente 4
Novidades 5
Artigo 6
Diálogos urgentes 7
Análise 10
Série 13
Filme 15
Livro 16
Depoimento 17

COMISSÃO CIENTÍFICA **CONVIDA PARA JORNADA**

PAOLA LAPORTE

LUCAS PRIMO

Além de amigos, Lucas Primo e eu, Paola Laporte, somos psiquiatras curiosos e motivados. Partilhamos as alegrias e desafios de nos dedicarmos a uma carreira clínica intensa e, além disto, cultivarmos atividades de pesquisa. Ao ritmo contagiante destas construções diárias, fomos convidados para estarmos à frente da Diretoria Científica do CELG, o que tem sido motivo de orgulho e trocas empolgantes!

Nossa proposta é enriquecer ainda mais a grade científica da nossa Jornada, através da apresentação de conteúdos de valor, com alcance cada vez maior de temas relevantes e de pessoas, ampliação das redes de contato e fortalecimento do trabalho que já vem sendo feito de maneira tão primorosa. Garantimos que o programa está sendo pensado com muito carinho. O enfoque nos assuntos que nos são tradicionais – a Psicoterapia e a Psiquiatria Clínica - permanecem. São muitos desafios, e estamos trabalhando arduamente neste programa. O CELG já iniciou a divulgação de alguns convidados confirmados, pessoas com trabalhos bastante relevantes tanto do ponto de vista clínico, quanto científico. Nada é tão simples, aconteceram conexões e afastamentos. Agora tentamos nos unir e reconstruir aspectos afetivos importantes que podem ter sido deixados de lado.

Convidamos vocês a nos reencontrarmos presencialmente, estudarmos e curtirmos juntos. Esperamos que todos tenhamos uma ótima jornada!

O SER HUMANO COMO ANIMAL CONECTADO SOCIALMENTE **EM TEMPOS DE COVID-19**

Para Aristóteles, as primeiras uniões entre pessoas são oriundas de uma necessidade natural. Somos seres incapazes de existir sem o outro. Marx fala que a essência do ser humano é de natureza social, pois é no meio social que ele apresenta seus elos com homens, sua relação com os outros e a relação dos outros para com ele. O ser humano diferencia-se dos animais porque produz os seus meios de vida. Você não produz seu próprio alimento, nem suas roupas, nem seus remédios: a maioria das coisas que você necessita para viver são outros homens que fazem. Por isso, somos seres sociais, vivemos em sociedade e dependemos uns dos outros. Baruch Spinoza aponta-nos que a alimentação, sono e locomoção são necessários para a sobrevivência, mas vivemos mesmo em virtude de nossos apegos sociais. John Bowlby mostra-nos que somos biologicamente pré-programados para formar vínculos. Por outro lado, para Sartre, o inferno são os outros. Todas estas afirmações são corroboradas por pesquisas recentes que mostram a importância das conexões sociais para uma boa saúde mental. Além disso, as pesquisas indicam que, quando as conexões sociais não estão bem, podem ser tanto consequência como origem de adoecimento mental. O nosso grupo de pesquisa, que congrega vários alunos de graduação de diferentes universidades, alunos de mestrado, doutorado e pós-doutorado de diferentes formações (médicos, psiquiatras e psicólogos) na área da saúde mental com foco no estudo de inovações e intervenções para uma melhor qualidade de vida, fez um estudo com cerca de um mil pacientes deprimidos provenientes de seis países (Brasil, Israel, Espanha, Estados Unidos, Rússia e Austrália), constatando que fatores como ter uma boa saúde geral, uma vida que faça sentido, oportunidades de lazer, uma boa vida sexual e receber apoio dos outros são os elementos centrais para uma boa qualidade de vida. Em todos estes aspectos, a relação com o outro é fundamental.

O isolamento social provocado pela pandemia mostrou-nos o quanto o confinamento aumentou a intensidade dos nossos contatos íntimos, o que não foi destituído de dificuldades (lembrem do Sartre!). Fomos exigidos a criar um ambiente de harmonia através de uma comunicação clara e amigável. Por outro lado, acabamos sendo forçados a reprimir a nossa tendência natural (lembrem do Aristóteles, do Spinoza, do Marx, do Bowlby) de nos conectar. Com o afastamento físico, as relações que mantínhamos com outros não deixaram de existir e não desapareceram. Rapidamente, encontramos novas formas de nos encontrar, mesmo que fosse apenas no portão. Embora o contato físico com as pessoas também fosse essencial, o uso das tecnologias foi decisivo para que mantivéssemos o contato com aqueles que são significativos para nós.

Ainda não sabemos como será daqui para frente, será que sairemos mais conscientes da nossa natureza social? Estamos tendo vários exemplos de ações solidárias, além de agradecimentos aos profissionais de saúde, o que nos faz identificar que estamos todos socialmente conectados e que, apesar de estarmos sendo atacados em uma das nossas maiores riquezas, justamente a nossa capacidade de nos ligar e cooperar, é ela que também pode ajudar-nos a enfrentar momentos de dificuldade, além de nos acalmar, nos dar prazer, nos divertir. No momento atual, em que assumo a presidência do CELG, gostaria de deixar uma mensagem de esperança no sentido de que possamos aprender e nos fortificar enquanto sociedade a partir dessa trágica situação de enfrentamento da pandemia. Para tanto, é essencial lembramo-nos do Celg como um espaço de convívio, colaboração, solidariedade e revigoramento de afetos.

NEUSA SICA DA ROCHA
Médica psiquiatra, psicoterapeuta, pesquisadora CNPq, professora do departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, coordenadora do programa de Psicoterapia do HCPA, Presidente do CELG

"CEPOA 3.0": O QUE MUDA EM 2022

JUSSARA S. DAL ZOT
Psiquiatra (UFRGS), Psicanalista SPPA, Coordenadora Executiva do CEPOA/CELG. Professora e supervisora do Curso de Psicoterapia Analítica do CELG

Um pouco da história:

Na década de 1980, a partir da sugestão do saudoso colega Manuel Henrique Valério, e com a participação de um grupo de Professores do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da UFRGS, assim como de outros colegas oriundos dos Cursos de Especialização em Psiquiatria da mesma Universidade, da Residência em Psiquiatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e de associados da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, tiveram início os "Cursos de Atualização em Psicoterapia de Orientação Analítica", sob a administração do Centro de Estudos Luís Guedes, também vinculado ao Departamento de Psiquiatria da UFRGS.

O programa sistemático de estudo continuado em Psicoterapia de Orientação Analítica – que, desde a década de 1960, teve um papel relevante na Psiquiatria do Rio Grande do Sul – foi capitaneado pelos associados do CELG, oriundos do Departamento de Psiquiatria da UFRGS, e deu origem às três Edições do livro Psicoterapia de Orientação Analítica, Fundamentos Teóricos e Clínicos, editado pela Artmed (3ª Edição, 2015), tornando-se um dos principais livros de psicoterapia analítica do Brasil.

Os Cursos de Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG foram acompanhando as evoluções da teoria e da técnica psicoterápicas ao longo dos anos e, atentos à necessidade de incorporar novos conhecimentos, passaram por constantes transformações. De Atualização e Extensão, em 1984, com apenas um ano de duração, passou a ter, em 1998, dois anos de duração, com 384 horas/aula, Supervisão Coletiva e Individual e colóquios semestrais, compondo um programa de Formação em Psicoterapia de Orientação Analítica.

Passados mais de vinte anos do último formato, e contando com mais de vinte turmas formadas, a coordenação atual, juntamente com o grupo de docentes do Departamento de Psiquiatria da UFRGS, professores convidados, especialistas, pós-graduandos e psicanalistas de larga experiência, decidiu adotar um novo formato.

Surge, então, em 2022, a proposta do "CEPOA 3.0"; passamos a não mais exigir dois anos de experiência pós-formados, de colegas Psicólogos e Psiquiatras, para facilitar o ingresso dos profissionais recém egressos de seus cursos, demanda que já se vinha fazendo há algum tempo. Foi ampliada a duração do curso para três anos, incluindo a supervisão individual apenas no segundo semestre da primeira série, buscando a consolidação de uma base mais sólida de conhecimentos psicodinâmicos, os quais são cada vez mais raros nos cursos de Psicologia e Medicina atuais. Com a ampliação do tempo de formação, esperamos aprofundar temas sobre as origens da psicoterapia, assim como os diversos referenciais psicanalíticos e seus desenvolvimentos atuais, os novos estudos de gênero, as interações da mente com o ambiente cultural em que está imersa e as mais recentes pesquisas clínicas em psicoterapia que caracterizam o escopo da teoria e clínica da Psicoterapia de Orientação Analítica Contemporânea.

Nosso compromisso é com a manutenção da Psicoterapia de Orientação Analítica como um procedimento ético-científico, procurando seguir a premissa de Freud (1937. P.282) sobre o relacionamento terapêutico, de que "não devemos esquecer que este relacionamento baseia-se no amor à verdade, isto é, no reconhecimento da realidade – e que isto deve excluir qualquer tipo de fraude ou falsidade".

È *COSA MENTALE*

Longe vão os tempos em que Freud atravessou o Atlântico para pronunciar, na Universidade de Clark, suas cinco conferências americanas. Para cúmulo da ironia benfazeja, no navio que o levava, o mestre encontrou um camareiro que estava lendo a *Psicopatologia da vida cotidiana*. Positivamente, as portas do novo mundo estavam sendo abertas para a psicanálise!

A partir desse início, rolaram mais águas do que aquelas da travessia inaugural entre Bremen e Nova Iorque. Com a divulgação e avanço do movimento psicanalítico, sucederam-se, em um *aleph* vertiginoso, migrações de fronteiras, adaptações da técnica, didatas mudando de países. No Brasil, analistas vindos da Europa chegavam para analisar candidatos. Médicos (como aconteceu com os nossos pioneiros da SPPA) passavam temporadas na Argentina para realizar suas formações. Criaram-se práticas condensadas para contornar barreiras geográficas, e assim por diante.

No entanto, em função desse crescimento e diversidade, as disputas de poder (sempre elas!) ergueram barreiras irreconciliáveis entre antigos aliados, como ocorreu com Freud, Jung e Adler. Apesar de afastados, eles continuavam a considerar suas práticas como "psicanálise". Ao escrever '*A história do movimento psicanalítico*', Freud pretendia demonstrar que as premissas de Adler e Jung eram incompatíveis com suas concepções. Como epígrafe de seu provocativo ensaio, utilizou o dístico inscrito no brasão da cidade de Paris: '*flutua, não afunda*'. Ou seja, nada disso abalaria a psicanálise.

Podemos dizer o mesmo de nossa prática depois dessa pandemia da Covid-19? Flutuou a duras penas, mas não afundou? Ainda foi psicanálise o que praticamos nas telinhas? E agora que, relutantes, voltamos para nossos consultórios, é psicanálise que continuaremos exercitando depois de termos introduzido tantos parâmetros?

Se invariância refere-se à qualidade que caracteriza a natureza mais íntima e transcendente de qualquer coisa, independentemente do tempo, do espaço, do observador e da época na qual foi feita a observação, podemos perguntar: que essência se manteve para chamarmos de psicanálise isto que fizemos? Se, utilizando o clássico exemplo de Bion, existe algo invariante entre um campo florido de papoulas e o quadro de Monet que representa um campo florido de papoulas, qual é, como diria Paulo César Sandler, a 'papoulice' da psicanálise que permite reconhecer o âmago de nossa prática? Voltando ao dístico utilizado por Freud: o que possibilitou à psicanálise flutuar e não afundar durante a pandemia?

Minha resposta baseia-se na ideia de que o setting *è cosa mentale*. Se — dentro de um clima irretocável de neutralidade, abstinência e confidencialidade, tendo como pressupostos a existência de um inconsciente dinâmico, a onipresença da sexualidade infantil, dos fenômenos da repressão e da resistência — mantivermos com nossos pacientes, de perto ou de longe, conversas que têm como objetivo a ampliação de sua capacidade de pensar ao libertar-se da repetição de antigos e patológicos padrões de relação objetal, estivemos e estaremos, sim, praticando psicanálise. Esta, a nossa 'papoulice'.

JUAREZ GUEDES CRUZ.
Médico, psiquiatra e psicanalista. Membro efetivo e didata da SPPA – Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre

PSICOTERAPIA *ON LINE*: UM NOVO RECURSO TÉCNICO A SER CUIDADOSAMENTE AVALIADO

Creio ser de consenso entre nossos colegas que as assim chamadas 'psicoterapias à distância', ou *on line*, já fazem parte definitivamente da realidade contemporânea. Por inúmeras vezes, ao longo dos tempos pandêmicos que vivemos, pude ouvir - de alguns psicoterapeutas mais entusiasmados - exclamações do tipo 'esse recurso é incrível!' ou 'essa inovação admirável veio realmente para ficar!'. Por outro lado, também escutei manifestações um tanto céticas em relação a essa modificação da técnica, as quais afirmavam que as psicoterapias *on line* representam uma 'ruptura inaceitável do método convencional'. Ao tomar contato com tais pronunciamentos, pensei que talvez fosse prudente esperar um pouco mais para poder melhor experimentar este novo método de trabalho e, assim, estruturar uma opinião bem formada a seu respeito.

No momento, acredito que há pouco a dizer sobre essa alteração da metodologia. Parece-me que, até então, não há artigos – ou, se existem, não pude acessá-los – cujo corpo teórico seja suficientemente consistente para dar um sólido suporte científico a esta variação processual. Tampouco há relatos de evidências clínicas convincentes de que a psicoterapia *on line* possa funcionar em moldes similares aos do método psicoterápico *standard.* Da mesma forma, parece não haver dados sugestivos de que essa variante estratégica possa produzir algum prejuízo ao processo psicoterápico.

Na minha experiência, até então, a psicoterapia *on line* mostrou-se muito útil, visto que propiciou a continuidade do tratamento de meus pacientes. Assim, nas primeiras 'sessões à distância' que realizei, meus pacientes e eu estávamos um pouco desconfortáveis com o novo *setting.* Parecia existir uma barreira entre nós e, de fato, existia. Não tínhamos mais

a proximidade física propiciada pelas sessões no consultório, ao passo que o ambiente em que se desenrolavam nossas conversas era muito distinto do seu espaço original. Agora tínhamos, de um lado, um paciente que estava em um cômodo de sua casa, ou em uma sala do seu espaço de trabalho, ou até mesmo dentro de seu carro e, do outro lado, um terapeuta acomodado em um recinto da própria morada. No consultório, nunca havíamos visto uma criança, ou um cachorrinho, invadindo o *setting*, o que nos provocava uma boa risada, De modo semelhante, antes da pandemia, nenhum paciente tinha o hábito de lanchar durante as sessões ou ficar acariciando seu animal de estimação enquanto falava. Claro que todas essas manifestações puderam ser úteis para acessar o mundo interno dos pacientes. À medida que compreendíamos as fantasias provocadas por tais modificações do *setting*, as ansiedades decorrentes das alterações impostas pela virtualidade foram sendo gradativamente elaboradas pela dupla paciente/terapeuta, fazendo com que as sessões pudessem retornar, na medida do possível, ao clima afetivo habitual dos encontros presenciais. Curvamo-nos, assim, perante a realidade: as sessões *on line* eram o único recurso que tínhamos à mão naquele momento para dar continuidade ao tratamento psicoterápico. Com isso, a barreira decorrente da virtualidade foi se desfazendo aos poucos para a dupla.

Durante o período em que atendi *on line* – aproximadamente quatorze meses –, pude constatar que, à medida que a psicoterapia tinha seguimento, o *setting* remodelado não excluía a possibilidade de aquisição de *insights* emocionais e intelectuais por parte dos pacientes. Por outro lado, não cheguei a constatar neles manifestações claramente sugestivas de elaboração de conflitos ou de algum grau de mudança psíquica. Em função disso, acredito que pesquisas confiáveis ainda precisam ser feitas nessa área, sempre incluindo material clínico com sessões dialogadas, para que seja possível obter respostas mais objetivas a perguntas do tipo: como essa mutação processual afeta a dupla paciente/terapeuta? Que tipo de *insight* os pacientes podem alcançar em relação aos seus conflitos? Até que ponto os conflitos podem ser elaborados? Submetidos a esse novo enquadre, os pacientes podem, de fato,

NO CONSULTÓRIO, NUNCA HAVÍAMOS VISTO UM CACHORRINHO INVADINDO O *SETTING*, O QUE NOS PROVOCAVA UMA BOA RISADA, DE MODO SEMELHANTE, NENHUM PACIENTE TINHA O HÁBITO DE LANCHAR DURANTE AS SESSÕES.

alcançar algum grau de mudança psíquica? Esse tipo de tratamento estaria indicado para qualquer tipo de paciente, inclusive aqueles com perturbações mais graves?

Em relação a esta última questão, lembro de José Bleger (1967), que afirma que, quando o *setting* é alterado, pacientes com um funcionamento psíquico mais regressivo podem se desorganizar gravemente. Entende esse autor que pessoas severamente comprometidas – como *borderlines*, por exemplo – relacionam-se com o seu terapeuta como se ele fosse uma peça fixa pertencente ao *setting*, como algo que jamais pudesse ser alterado. Assim, quando o *setting* é modificado – em função da gravidez da terapeuta ou de uma doença visível, por exemplo, ou ainda em decorrência da substituição das sessões presenciais pelas *on line*, poder-se-ia acrescentar –, tal modificação pode ser sentida pelo paciente como uma profunda desorganização de seu mundo interno, capaz inclusive de desencadear um surto psicótico. Para ilustrar a situação, outra autora, Alessandra Lemma (2016), relata o caso de uma paciente muito regressiva, a senhora A, que, na infância, sofreu abusos sexuais frequentes por parte da mãe e abandono pelo pai. Quando a terapeuta cortou o próprio cabelo, a paciente reagiu a essa pequena modificação do *setting* – assim como Bleger entende o *setting* – entrando em um estado de profunda confusão mental e raiva. Ao longo das sessões descritas, a autora – que, assim como a mãe da paciente, sempre usara cabelos longos – deu-se conta de que a senhora A vivenciara o seu novo corte de cabelo como ‘um corte na estreita relação entre elas’. Com isso, a paciente passou a sentir-se totalmente exposta ao abandono, em um doloroso estado de desamparo psíquico acentuado por uma intensa confusão mental.

Penso que estudos clínicos confiáveis, realizados em longo prazo nessa área, podem nos auxiliar em nosso atendimento psicoterápico aos pacientes mais regredidos. Refiro-me àquelas investigações que incluam material clínico esclarecedor – com sessões dialogadas – e que nos possibilitem constatar como o atendimento *on line* afeta o binômio transferência/contratransferência. Esses trabalhos precisam por à mostra o tipo de *insight* que os pacientes são capazes de alcançar em psicoterapia *on line*, assim como investigar até que ponto seus conflitos internos podem ser elaborados ao longo do tratamento. Ademais, é importante que esses estudos clínicos revelem se pacientes submetidos à psicoterapia à distância podem alcançar algum grau de mudança psíquica.

Após quatorze meses trabalhando com pacientes *on line*, passei a acreditar que esse recurso é válido para o exercício da psicoterapia de orientação analítica com pacientes neuróticos, em situações emergenciais como a causada pela pandemia do Covid 19. Em relação ao uso desse procedimento com pacientes mais regressivos, não me sinto autorizado a opinar por não ter experiência na área.

Para finalizar, diria que, até que surjam os resultados de pesquisas fidedignas a respeito desse tipo de atendimento, não seria prudente demonizar, nem tampouco idealizar, as assim chamadas ‘psicoterapias à distância’. Penso que depreciar o que é novo simplesmente porque se trata de algo desconhecido, ou supervalorizar uma novidade meramente porque se trata de algo inusitado, significa abrir mão de uma postura científica em prol de uma conduta estreita ancorada no preconceito ou na idealização.

ANTONIO CARLOS J. PIRES
Psiquiatra e psicanalista.

PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU 1921-2021

A ATUALIDADE DO TEXTO FREUDIANO

Com a genial "metamorfose ambulante" de quem "nasceu há dez mil atrás", em 1977, Raul Seixas lançou a música "O dia em que a terra parou":

Essa noite
Eu tive um sonho de sonhador
Maluco que sou, eu sonhei
Com o dia em que a Terra parou
Com o dia em que a Terra parou
Foi assim
No dia em que todas as pessoas do planeta inteiro
Resolveram que ninguém ia sair de casa
Como que se fosse combinado, em todo o planeta
Naquele dia ninguém saiu de casa.
E eis que, em março de 2020, um desconhecido vírus apareceu e a Terra efetivamente começou a parar. E de repente:

O empregado não saiu pro seu trabalho
Pois sabia que o patrão também não tava lá
Dona de casa não saiu pra comprar pão
Pois sabia que o padeiro também não tava lá
(...)

E o aluno não saiu para estudar
Pois sabia, o professor também não tava lá
E o professor não saiu pra lecionar
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar
(...)

OS PERÍODOS DE MUDANÇAS DA HUMANIDADE CARACTERIZAM-SE PELA INFLUÊNCIA MÚTUA ENTRE OS MEIOS DE PRODUÇÃO ECONÔMICA E CULTURAL. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS PODEM SER MARCADAS POR PROGRESSOS E BENEFÍCIOS, MAS POTENCIALMENTE SÃO ACOMPANHADAS DA SENSAÇÃO DE PERDA DE REFERENCIAIS RELACIONADOS À CULTURA E AOS COSTUMES.

Apesar disso, como seres humanos da pós-modernidade que acreditam na racionalidade, estávamos confiantes de que rapidamente a ciência teria as respostas e as soluções para a Terra voltar a andar.

No entanto, o que se viu é que estávamos todos em um mesmo barco, sem que ninguém pudesse afirmar categoricamente que detinha as respostas para enfrentar o vírus responsável por confirmar a profecia de Raul Seixas.

Nesse contexto, uma vez mais a Humanidade mostrou-se diferente da otimista afirmação de Freud, contida em seu texto "O futuro de uma ilusão" (1927), de que no futuro haveria a prevalência do pensamento científico. Por todo o mundo, vimos divisões e enfrentamentos cheios de ódio entre diversos grupos: defensores da ciência, detratores da ciência, pessoas que negavam a virulência do coronavírus, religiosos crentes no castigo divino, apocalípticos, políticos inescrupulosos e seus seguidores etc.

Como explicar esse fenômeno regressivo em pleno século XXI, depois de todos os progressos científicos da humanidade? É que, talvez, Freud não tenha dado o devido crédito (!) ao seu trabalho "Psicologia das massas e análise do eu", o qual, ao completar cem anos em 2021, segue atual e em sintonia com a contemporaneidade.

Neste texto, Freud descreve um tipo de massa populacional (massa psicológica) em que elementos heterogêneos unidos de forma efêmera formam um novo ser, o grupo, com propriedades diferentes daquelas dos indivíduos. Nessa formação, desaparecem as aquisições individuais. O heterogêneo funde-se no homogêneo, e o sentimento de poder, o contágio psíquico e a sugestão dominam os pensamentos e a conduta de cada indivíduo. Em tais circunstâncias, as reações afetivas mais grosseiras e simples são as de maior probabilidade de difusão. Tudo isso acrescido ao caráter hipnótico do estado do sujeito, o qual confere poder ao hipnotizador, ou seja, ao líder dessa massa.

E qual a relação possível entre a pandemia de Covid-19, seus efeitos sociais e o texto centenário da obra freudiana?

É que, em "Psicologia das massas e análise do eu", Freud defende a ideia de que o fenômeno da massa psicológica estaria relacionado à noção de lutos representados pela perda de uma abstração, como, por exemplo, a pátria, a liberdade, um ideal etc.

Quais objetos perdidos da humanidade estariam na raiz dos fenômenos sociais que observamos na contemporaneidade?

Os períodos de mudanças da Humanidade caracterizam-se pela influência mútua entre os meios de produção econômica e cultural. As transformações sociais podem ser marcadas por progressos e benefícios, mas potencialmente são acompanhadas da sensação de perda de referenciais relacionados à cultura e aos costumes.

Desde o século XVII, a Humanidade tem enfrentado profundas transformações, as quais iniciaram com a Revolução Industrial e com a secularização do pensamento, passando pela I Guerra Mundial e pelo final das ilusões da Belle Époque, além de a Grande Depressão Econômica dos anos 1930, até chegar na II Guerra Mundial e na banalização do mal.

A partir da segunda metade do século XX, o intenso avanço tecnológico e os costumes mais flexíveis propiciaram muitas comodida-

des, assim como uma vida mais longa e de melhor qualidade.

Nesse caso, onde estariam as condições para o momento tão conturbado que hoje vivemos globalmente? Centrando-se no texto freudiano, quais os objetos perdidos na contemporaneidade?

Um primeiro aspecto a considerar é o papel da crença nos atributos da tecnologia. A fantasia de poder absoluto do ser humano, trazida pela evolução tecnológica, mostrou-se uma expectativa frustrada. Até o início da pandemia de Covid-19, parecia não haver limites para o progresso humano. Chegou-se ao ponto de se acreditar que o Homem podia brincar de ser Deus! E, então, acabamos nos deparando com o fato de que os recursos de que dispomos na atualidade não foram suficientes para evitar o tempo em que a Terra parou!

Somado a isso, é importante levar em conta a frustração das expectativas ligadas ao fenômeno da globalização. Não se tornou realidade a promessa de uma aldeia global, com distribuição de informação, conhecimento e riquezas. O que se constatou é que, ao longo do tempo, a disponibilidade de tecnologia passou a ser díspar ao redor do mundo, não tendo ocorrido a diminuição da desigualdade social e econômica. Mundialmente, aumentou a concentração de renda, o trabalho foi se tornando cada vez mais precário e camadas da população ficaram (e continuarão) sem função na sociedade.

Além disso, percebe-se a tendência a uma cultura homogênea, que leva à perda de referenciais locais. Nesse contexto, a atividade simbólica, essencial à construção do psiquismo, sofre prejuízos, podendo ser substituída por manifestações voltadas ao corpo ou ao ato. O pensamento é substituído pela ação.

Podemos considerar, então, que vivemos um período de perda de ideais da Humanidade, perda esta que se faz acompanhar das sensações de desamparo, desesperança e desilusão.

De acordo com Freud, momentos como estes são propícios à formação das massas psicológicas, nas quais a multidão de indivíduos coloca um único líder no lugar do ideal de ego, identificando-se com seus hipnotizantes discursos de restauração dos ideais perdidos.

Levando-se em conta que tais fenômenos se repetem historicamente, a Humanidade estaria propensa a se dividir em momentos de crise e a buscar o pretenso conforto em líderes messiânicos que tudo explicam e resolvem por meio dos seus discursos hipnotizantes? Talvez!

No entanto, talvez possamos acreditar que o contínuo (ainda que oscilante) desenvolvimento do ser humano leve um número crescente de indivíduos a concordar com Hannah Arendt: “O poder não pertence a nenhum indivíduo. Sendo fruto da capacidade humana de agir em concerto, o poder pertence a um grupo e existe na medida em que o grupo se mantém unido”.

Ou, como diria Freud, no amálgama das pulsões que caracteriza a vida, que então predomine a pulsão de vida e sua função agregadora.

ZELIG LIBERMANN

Médico-psiquiatra e Psicanalista; Analista Didata da SPPA; Professor e Supervisor do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do CELG

ROUND 6 E AS **PSEUDO-REALIDADES**

"Batatinha frita, um, dois, três" talvez tenha sido a frase mais ouvida pelos pais e professores nos últimos meses de 2021. É uma variação da clássica brincadeira infantil e é também a primeira rodada de desafios de *Round 6* ou *Squid Game* (Jogo da Lula). Em pouco mais de dois meses, a série sul-coreana da Netflix tornou-se a mais vista de todos os tempos no mundo. Mas porque esse enorme e instantâneo sucesso entre adultos, adolescentes e inclusive crianças?

Definitivamente, *Round 6* é um programa para adultos. Ele promove uma oportuna reflexão crítica sobre a sociedade atual, expressa tanto na forma quanto no conteúdo da trama. Embora utilize uma estética que remete à infância e aos *games*, com cores vibrantes, uniformes que lembram a escola, brincadeiras e símbolos simples - e talvez por isso mesmo chame tanto a atenção do público infanto-juvenil -, o assunto é sério e as cenas são violentas.

Foi o próprio diretor Hwang Dong-hyuk quem escreveu o roteiro, retratando a crise sul-coreana dos últimos anos. Para contextualizar, o país teve um desenvolvimento econômico acelerado a partir dos anos cinquenta, tornando-se rapidamente uma das grandes economias mundiais. Contudo, desde 2017 a desigualdade social vem crescendo. Hoje a taxa de pobreza da Coreia do Sul é a maior entre os países membros da OCDE[1]. Como consequência, o endividamento das famílias aumentou muito, superando em 106% o PIB do país em dezembro de 2020.

Na série, os personagens, todos com histórico de dívidas, são recrutados através de um minijogo. Abordados em ambiente público, um agenciador lhes oferece escolher entre o cartão azul e o vermelho. No filme *Matrix* (Wachowskis, 1999), o personagem pode tomar a pílula vermelha, a qual liberta e mostra a realidade, ou a azul, que aprisiona na divina ignorância. Aqui, o protagonista escolhe o cartão azul e, coincidência ou não, torna-se um dos participantes do jogo.

Em situação análoga a prisioneiros de campos de concentração, os jogadores são colocados num salão com beliches, identificados por um número fixado no uniforme verde. Porém, numa suposta liberdade de escolha, eles assinam um termo de consentimento, que contém apenas três regras: o jogador não pode parar de jogar; quem se recusar a jogar será eliminado; a maioria decide se quer encerrar os jogos. É só depois da primeira rodada que eles ficam sabendo que o jogo é pago com a própria vida. Quando um participante perde, ele é morto, e cem milhões de wons (R$ 450.000,00)

1 Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

são adicionados a um imenso cofre, destinado ao vencedor. A sinopse faz lembrar os filmes alemães *Das experiment* (Oliver Hirschbiegel, 2001) e *Die Welle* (Dennis Gansel, 2008), em que, a fim de estudar o fenômeno social do fascismo, seres humanos participam de experimentos que, em graus variados, envolvem a renúncia a direitos civis.

Para que o jogo possa acontecer, há também uma equipe de trabalhadores. Vestidos com uniformes vermelhos, portam máscaras pretas com símbolos que indicam sua hierarquia: círculo, quadrado ou triângulo. Embora evoquem os controles do videogame *Playstation*, em coreano eles correspondem às letras iniciais do Jogo da Lula, além de comporem sua arena. De qualquer maneira, adverte que estamos inseridos num mundo onde o real e o virtual se misturam. Os jogadores ali são apenas avatares de um *game* e os trabalhadores, a engrenagem que faz o sistema funcionar.

É possível traçar um paralelo entre a configuração do jogo e a estrutura social da Coreia do Sul e de tantos países. Os participantes representam os mais vulneráveis, do ponto de vista socioeconômico. São levados a aceitar os desafios, pois de outra forma morreriam de fome ou assassinados pelos agiotas. Alguns deles, idosos, mulheres e imigrantes, que sofrem preconceitos mesmo dentro do seu time. Os funcionários executam suas tarefas pré-determinadas, submetidos a um esquema rígido de ordenação. A corrupção é retratada através de negociações obscuras e tráfico de órgãos entre membros dos diferentes estratos. No topo desta organização, estão os VIPs, os poucos detentores do dinheiro e do poder. São homens sádicos e abusadores, que comem, bebem e se deliciam enquanto observam o massacre de seus peões.

Do ponto de vista do desenvolvimento, Freud descreve a sexualidade infantil como polimorfo perversa. Na patologia, o perverso mantém na vida adulta o uso do mecanismo de desmentida. Desta forma, ele substitui a realidade por uma pseudo-realidade inventada que, por um lado, satisfaz a busca pelo prazer e, por outro, evita o sofrimento da frustração. Segundo Steiner, algumas pessoas com organização primitiva de personalidade utilizam mecanismos perversos como refúgios psíquicos. Na infância, as brincadeiras, mesmo que às vezes agressivas, são necessárias ao desenvolvimento psíquico. Através do jogo simbólico, a criança elabora situações traumáticas e encena suas fantasias, preparando-se para a vida adulta. Em *Round 6*, no entanto, os desafios são concretos e a morte é real, mas, para o grupo de VIPs, elas são apenas diversão.

Ao considerar os textos sociológicos de Freud, penso que nossa civilização talvez se encontre num período de regressão a um estágio mais primitivo do seu desenvolvimento. Vivemos em tempos de crise, que também é ética. Enquanto milhares morriam durante a pandemia, uns se ocupavam em postar sua hiper-produtividade de confinamento, outros espalhavam *fake news* nas redes sociais e vários recusavam-se a acreditar na existência do vírus. Refúgios psíquicos? A violência banalizada de *Round 6* reflete de certa forma a maneira com que todos fomos expostos a corpos em hospitais e caixões em campos abertos, esperando para serem enterrados. Um espetáculo de horror.

Entretanto, a roupagem de *reality show k-pop*, misturada com a matança e o ritmo ágil de competição, tornam a experiência do espectador semelhante a passar de fases num jogo de videogame. Assim, a descarga dopaminérgica explicaria em parte o sucesso da série, sobretudo entre as crianças e adolescentes. Visto que se seguiu um verdadeiro bombardeio desta temática nos jogos *online* e canais de *youtube* direcionados para este público.

Se os filmes alemães eram uma tentativa de elaborar e entender o holocausto, *Round 6* funciona para questionar o presente. Nossa cultura está cada vez mais imersa nas mídias digitais; exibimos e consumimos vidas privadas nas redes sociais, buscamos o prazer imediato através de recompensas virtuais, como curtidas e visualizações. Essa *gamificação* da vida aliena e infantiliza ao incentivar o princípio do prazer em detrimento do princípio da realidade. Não por acaso, estamos testemunhando a reascensão de governos autoritários em diferentes países e uma crescente ameaça à democracia ao redor do mundo. *Fake news*, bem como propaganda nazista, são pseudo-realidades inventadas. Uma sociedade doente busca um refúgio psíquico. A história se repete.

Bibliografia:
Steiner, John. Refúgios Psíquicos. 1997. Editora Imago.
https://www.ceicdata.com/en/indicator/korea/household-debt--of-nominal-gdp
https://www.bbc.com/portuguese/geral-58899202
https://www.youtube.com/watch?v=eXr_2DhDcfs

FABIANA RITTER
Psiquiatra da infância e da adolescência. Analista em formação pela SPPA

O REFÚGIO (THE NEST): DRAMA OU TERROR?

O Refúgio, longa-metragem de 2020, traz em seu elenco Jude Law na pele de Rory O´Hara, um ambicioso empreendedor. Em busca de novas oportunidades, Rory decide mudar-se com a família, indo de Nova Iorque para Londres, sua cidade natal. Ao chegar, leva todos para uma isolada mansão do século XVII, localizada em uma área rural próxima da capital.

CLARISSA KIRSTEN MOMBACH
Médica pela UFRGS. Psiquiatra pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Especialista em psicoterapia de orientação analítica pelo CELG. Membro do Instituto da SPPA

Se, inicialmente, Rory parece combinar com a bela esposa americana (Allison), aos poucos, torna-se clara a enorme discrepância na forma como cada um pensa e vive. A trama, então, sugere que há algo de podre no ar. O suspense cresce a cada entrada do casal, ganhando tons progressivamente mais sombrios. A trilha sonora mescla rock com notas dignas de Hitchcock, criando às vezes um clima transgressor, em outras um ambiente terrorífico. As sombras e a penumbra invadem a casa, enquanto o medo e a sensação de desamparo espalham-se pela família. Então, eventualmente, quem está assistindo se pergunta: mas qual é, afinal, o horror?

A questão é que Rory nega de forma categórica tudo aquilo que parece não poder lidar. Enrolado em seu delírio grandioso, refugia-se na ideia de que é a personificação do arrojamento e de que não há limites para o que pode alcançar. Allison, por outro lado, serve a outro senhor: não à fantasia, mas à realidade. Contudo, o terror maior de Rory não parece ser entrar em contato com a derrocada financeira, mas com o seu passado miserável. Claro, sabemos que o conceito de miséria não precisa ser relativo às posses ou às condições econômicas. A miséria de Rory é interna, antiga e latejante.

Algumas pessoas sentem que o mundo lhes deve infinitas recompensas, como reparação pelas profundas privações infantis enfrentadas. Sentem que “não merecem sofrer mais” e que, portanto, tem direito a tudo. Freud diria que são “As exceções” (Alguns tipos de caráter encontrados do trabalho psicanalítico, 1916). Outras querem abocanhar o mundo inteiro e, mesmo que conseguissem, continuariam famintas. Melanie Klein provavelmente falaria em termos de voracidade, de inveja e de destrutividade. Porém, foi Winicott quem nos alertou sobre a importância de um ninho (“Nest”, do título em inglês) confiável, ou, em suas palavras, suficientemente bom: se tudo der certo, os refúgios narcísicos não terão serventia.

O filme trata de uma história ambientada na década de oitenta, mas o assunto não poderia ser mais atual. Nunca foi tão fácil criar versões editadas da vida conforme o desejo ou a necessidade de cada um. Em uma velocidade assombrosa, infinitos Rorys compartilham existências plenas de gozo e de abundância, como se a vida postada fosse a vida vivida. São as formas modernas desses mesmos refúgios narcísicos. Sofrer, chorar, perder, frustrar-se, para quê? O problema é que a realidade não flerta com desejos

ou necessidades e, uma hora ou outra, acaba cobrando o seu preço.

Viver de acordo com a história e com as possibilidades de cada um está longe de ser tarefa fácil. Contudo, assim que se faz as pazes com a “vida como ela é”, o terror some e os fantasmas do passado não assombram mais. No fim, resta um grande alívio e sobra energia para se concentrar naquilo que realmente importa. Quem viveu o suficiente ou, nesse caso, quem assistiu O Refúgio até o final, pode conferir.

ÁGUAS PASSADAS, ÁGUAS PRESENTES

Ao receber o convite para comentar sobre uma leitura recente, pensei em Carla Madeira, *Tudo é Rio*. Romance de denso potencial criativo. Despertou-me o pensar sobre os movimentos pulsionais e seus destinos, as repetições, os possíveis enlaces e reparações e a força da palavra como representação de coisa e afeto.

Dalva, Venâncio e Lucy compõem o núcleo principal; a história dos demais personagens, o alicerce psíquico dos protagonistas.

Venâncio e Dalva apaixonaram-se na juventude. Ela tem olhar e sorriso encantadores e cresceu na casa cheia de vozes e de alegria de seus pais. Ele é filho de uma mãe apagada, e de um pai bruto, infeliz, tendo sua vida junto ao pai sido permeada por um ódio lento, que endurecia tudo ao redor, despertando-lhe a vontade de machucá-lo. Viviam presos no desamor. Lucy é prostituta de profissão, uma beleza que acende desejos e fantasias nos homens. Todos a querem; ela tem o gozo sádico de humilhá-los antes de escolhê-los.

A vida dos três personagens se entrelaça a partir de uma tragédia que ocorre entre o casal após o nascimento do filho. Venâncio, ao perder o olhar da esposa, reabre uma ferida narcísica, movimentando a carga pulsional destrutiva, não enlaçada, que extravasa com uma "força demoníaca" descarregada em um ato violento. Tudo aquilo que Venâncio esperava não repetir, o que odiava na relação com seu pai, ressurge com toda sua força na compulsão à repetição.

É neste momento, quando Dalva enlutada se afasta, que Venâncio passa a frequentar o prostíbulo e conhece Lucy, que o deseja e ele a rejeita. O "não" de Venâncio é um golpe para ela, o reencontro com o passado. A inscrição no aqui e agora, na presença do Outro, das memórias traumáticas do dia em que perdeu ambos os pais, ainda pequena. Durante o funeral, ordenou-lhes que se levantassem. Foi seu primeiro "não" intransponível e, sem saber, jurou que seria o último, até o dia em que Venâncio a recusou, o que fez suas defesas desmoronarem.

A partir daí, o romance traz outras surpresas e emoções. A metáfora do rio se revela por uma narrativa que flui, ora intensa, ora branda, com diferentes níveis de profundidade, mas ininterrupta.

A todo momento temos nossos desejos limitados pelas margens da realidade, forçando-nos a encontrar vias possíveis de escoamento. As pulsões reprimidas trazem o risco de uma inevitável regressão, considerando o impacto do seu bloqueio, mas o recalcado insiste em retornar e o transbordamento violento das águas sobre as margens é uma possibilidade. Há, no fundo, algo que, sem representação, seria inapreensível no cerne do nosso psiquismo.

A mãe de Dalva diz:

"Tudo passa, você vai ver, tudo passa... A vida dá um jeito de manter a gente vivo mesmo quando a gente morre de dor."

Mas será?

Há um "tempo que não passa", que nos é re-apresentado, ao longo da vida, com diferentes versões. O Impassado. Só cessa de se repetir pelo curso de se fazer representar.

As palavras são um caminho e finalizo citando Tom Jobim:

"É a morte, é a vida, é o mistério profundo, é o que queira ou não queira, é um poço, é um desgosto, é um pouco sozinho, é o vão, é a viga, é um laço, é um passo, é uma fonte, é uma ponte, é o fim do caminho, é um belo horizonte.

São as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração."

FERNANDA CRESTANA
Psiquiatra especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo Ceapia. Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica pelo CELG. Membro graduada do Instituto de Psicanálise da SPPA

RETORNO DOS ATENDIMENTOS PRESENCIAIS

Aos 19 anos, fui residir na Capital. Por duas décadas pensei em voltar à Serra Gaúcha. Aos 39, retornei. Agora, recebo um convite para escrever sobre o retorno, mas o retorno dos atendimentos presenciais em psicoterapia.

Mantenho o consultório na Capital; no interior, a dedicação ao SUS toma a maior parte dos meus dias. Quarenta horas no município de Garibaldi, outras vinte divididas entre sessões na capital aos sábados ou em atendimentos virtuais no final dos dias.

Mantenho um regime híbrido de atendimento aos meus pacientes por uma razão simples: distância geográfica (alguns residem na Capital, poucos em outros países). Com a minha mudança para a Serra Gaúcha, os atendimentos virtuais viabilizaram a manutenção da prática da psicoterapia.

Se você gosta de viagens, sabe do prazer de voltar para casa.

Essa sensação que nos acompanha desde o berço é reexperimentada por toda a vida. Quando escoteiro, o retorno dos acampamentos; quando estudante de medicina, o retorno à casa dos pais; quando médico militar, o retorno dos campos.

Há uma canção destinada à minha cidade natal que sempre me soou como um hino, tornando-se oportuna compartilhá-la.

Subi a serra castigado pela sede
De reencontrar minhas raízes de além mar
Para adoçar o gosto amargo da distância
Matar a ânsia sufocante de voltar…

Nona Maria che volonta di rivare
Di ti abbracciare piangendo di felicitá
Il tu bambino stá di ritorno per stare
Portando la mala caricata di rimpianto

A nona Maria está morta, mas a sua filha tornou-se nona e o meu filho pode abraçá-la.

Falar sobre retorno sempre foi familiar.

Imagens, perfumes, lembranças, sonhos despertos – expressões genuínas do que já fomos dialogando significados com o que se é e o que se vive no instante.

O retorno ao encontro presencial com os pacientes carrega o afeto do cuidado e o retorno às nossas mentes do que se vive no encontro real.

Então, este é o encontro que anseio, esse estado especial de estarmos com nossos pacientes sem máscaras.

Há uma grande expectativa no retorno aos atendimentos sem máscaras. Para alguns, a distância que se estabeleceu não foi meramente espacial. É do distanciamento emocional que tenho o maior pesar. Para outros pacientes, a distância física, o não estar presente fisicamente, custou o progresso de seus tratamentos e acarretou interrupções. Alguns pacientes mais regredidos não toleraram os atendimentos por vídeo, enquanto outros permanecem se adaptando conosco a essa nova modalidade. Permutas de atendimentos via áudio e vídeo tornaram-se mais aceitas. Em muitos momentos, examinei-me sobre movimentos, atuações para tolerar a distância do olhar distante via tela. Sinto pela falta que o encontro em consultório produz. Sinto pela falta da turbulência emocional, quando ela cede espaço de forma penosa ao espanto do terror muitas vezes sem nome, ou do pedido de cuidado e amparo não devidamente ouvidos. Todos sentimos a falta que faz o olhar ou o ruído do ventilar, em uma expressão de vida e de existir vivo diante do outro.

Aos dezesseis anos, decidi ler a Odisseia enquanto estava internado por uma pneumonia; hoje, ainda mal sei sobre despedidas e retornos, apesar de reconhecer que, em cidades pequenas, as amizades tomam uma intimidade particular e as despedidas impostas pela morte tornam-se rotina. Apesar de tudo isso, vejo o quanto a distância forja a presença e estrutura a capacidade de sonhar e valorizar o outro. Entendo que, em sessão, o tempo se mantém suspenso nas sucessivas revitalizações das experiências emocionais. No entanto, a presença física igualmente estrutura um elo com o tempo presente. Estamos distantes e próximos de nós, do espaço e do tempo em que vivemos.

MATEUS RECHE
Médico pela UFRGS, psiquiatra pelo HPSP, doutor em ginecologia e obstetrícia pela UFRGS. Aluno do CEPOA.